

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ

BIOPOLÍTICA,

ANTROPOCENO

E PÓS-HUMANISMO –

NOVAS MATERIALIDADES

Organização

Atilio Butturi Junior

Nathalia Müller Camozatto

Camila de Almeida Lara

José Luís Câmara Leme

Este dossiê, *Biopolítica, Antropoceno e Pós-humanismo - Novas materialidades* reúne, sob a forma de artigos, alguns dos trabalhos apresentados em mesas redondas e simpósios do III Colóquio Internacional Antropoceno, Biopolítica e Pós-Humano, cuja temática, *Novas Materialidades*, verticaliza um debate entre a arqueogenealogia foucaultiana, as viradas ontológicas e os novos materialismos.

A terceira edição do evento, realizada de forma remota entre 13 e 15 de agosto de 2024, e encabeçada pelo Grupo de Estudos do Campo Discursivo, coordenado pelo Prof. Dr. Atilio Butturi Junior, e pelo projeto “*É só mais uma crônica*”, foi uma parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Nova de Lisboa e teve apoio financeiro da FAPESC e da CAPES.

Nele, como a qualidade dos textos aqui presentes o demonstram, foram encaradas as questões postas pelas temporalidades da aceleração e da catástrofe, pelas conjunções disjuntivas entre a linguagem, as tecnologias e as materialidades e pelas práticas de racialização e exceção biopolíticas aí proliferadas. Para problemas dessa escala, um encontro entre heterogêneos campos do saber, como a biologia, a linguística, a química, a literatura, a filosofia e mais.

O artigo que abre este dossiê intitula-se *Nas ruínas do progresso: Gabriela e o antropoceno uma desleitura de Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado*. Nele, **José Luís Câmara Leme** explora a emergência de possibilidades de sentido e de leituras do romance à luz do Antropoceno. Evidenciando a desconfiança do leitor contemporâneo em relação a narrativas do progresso, antes visto (seja na lógica liberal ou marxista) como desejável, o texto mostra como em uma desleitura do romance, o progresso é analisado em relação a suas consequências sociais e ecológicas e permeado de melancolia, uma possibilidade de leitura que escapa e se espalha por tipos específicos de significação distantes e diferentes daqueles do momento de sua publicação.

O segundo artigo, *A narração de (contra)estórias e a análise do discurso: fabulações neomaterialistas*, de **Nathalia Müller Camozzato**, parte do conceito de biotecnovoz para chegar a uma proposição teórico-metodológica de uma narratividade materializada e pós-humanista coerente com as proposições da análise neomaterialista dos discursos

Nostalgia e melancolia sob a lente da ciência é o terceiro artigo, autorado por **Denise Bernuzzi Santanna**. Nele, Santanna explora os sentimentos nostálgicos e melancólicos na psiquiatria dos séculos XIX e XX para indicar como, no Antropoceno, a perda de referências temporais e espaciais fomenta essa cartografia sentimental.

No quarto artigo, *Intra-ação, interação e uma hermenêutica diatópica ampliada: seguindo coisas, corpos e repertórios em dispositivos situados de conhecimento*, **Alan Silvio Ribeiro Carneiro** e **Maria Clara Keating** entabulam o realismo agencial de Karen Barad para analisar processos de coconstituição em dois exercícios etnográficos, um com mulheres migrantes em Portugal e outro com uma mestra tradicional do jongo.

Em *Fabulações do antropoceno na literatura brasileira contemporânea em três livros: Corpos benzidos em metal pesado, de Pedro Augusto Baía; Erva Brava, de Paulliny Tort e O gosto dos metais, de Prisca Augustoni*, quarto artigo do dossiê, **Natalia Borges Polesso** se propõe a pensar, analisar e compreender as imagens do antropoceno produzidas em três obras da literatura brasileira contemporânea, entendendo-a como um *dispositivo antropocênico*, para pensar o mundo e o fazer artístico em termos temáticos e estéticos.

O enigma de James Marian: corpo gótico e desejos desviantes em Esphinge, escrito por **Daniel Serravalle de Sá**, analisa o romance *Esphinge* sob a perspectiva da ficção gótica oitocentista, a partir do argumento que a leitura gótica não se dá apenas por meio das imagens literárias do texto, mas pela abordagem de questões relacionadas às políticas do corpo, da identidade de gênero e da identidade nacional, em uma adaptação criativa das convenções do gótico Anglo-Americano como chave crítica de estruturas sociopolíticas na virada do século XX no Brasil.

O sétimo artigo do dossiê, *Análisis neomaterialista de la política de identidad digital en Facebook*, de **Ana Sofia Pabón Chaves**, desde uma metodologia míope e suleada, dos feminismos e do corte agencial, analisa as tecnobiodiscursividades das redes sociais de Djamilia Ribeiro e Carolina Sanin, tendo em conta questões como gênero, raça, classe social, militância, educação e nacionalidade.

No oitavo artigo, *Transhumanismo y la disputa sobre el concepto de vida: entre la vida biológica y la muerte de la muerte*, **Santiago Pich**, **Fabio Zoboli**, **Elder Silva Correia** e **Éverton Vasconcelos de Almeida** fazem uma leitura de *A Medicina da Imortalidade*, de Ray Kurzweil, mentor de inteligência artificial do Google, a fim de discutir como a revolução digital e os avanços biotecnológicos transformam o conceito de vida - por meio de sua apropriação e reinvenção tecnocientífica - e as formas de exercício da política moderna.

Construção da linguagem/língua a partir de intra-ações em aulas de inglês é o nono artigo do dossiê. **Larissa Paulino de Queiroz Sousa**, **Rosane Rocha Pessoa** e **Barbra Sabota**, ancoradas em concepções de linguagem/língua como prática sociomaterial, especialmente no contexto da sala de aula, e ao romper com a relação humanista e antropocêntrica entre seres humanos e linguagem/língua, o intuito das autoras é evidenciar como algumas práticas, especialmente performances corporais, constroem sentidos em paisagens localizadas e situadas, permeadas por práticas material-discursivas.

Em *As marcas de um acontecimento: artes, ciências e filosofias em Bartholomew Feather*, nosso nono artigo, **Roberto Dalmo** investiga a therolinguística em Bartholomew Feather, particularmente dando a ver as compreensões de arte, ciência e filosofia praticadas desde máquinas que incluem humanos e não humanos.

Bianca Franchini da Silva é a autora do décimo primeiro artigo do dossiê, chamado “*DIU sólo es DIU cuando está en el útero*”: *la intraacción de lo discursivo y lo no discursivo como “re-membering”*. Nele o DIU é investigado como um dispositivo intra-ativo e microprostético de distribuídas agências humanas e mais que/não humanas.

Entre humanos e não humanos, segue o décimo segundo artigo, *Crowdfucking: a maquinaria orgasmática de uma plataforma de sexcam*, de Eduardo **Espíndola Braud Martins**. Trata-se de uma investigação da produção uma maquinaria orgasmática, *assemblage* de múltiplos atores com produção de efeitos de prazer íntimo e sexual na plataforma *Chaturbate*.

Você tem as mesmas 24 horas que um bilionário: a neuroprodutividade como dispositivo do biopoder é o décimo terceiro artigo do dossiê. Escrito por **Andréia Muniz Lisboa** e **Elizangela Araújo dos Santos Fernandes**, o texto tece uma análise dos discursos de um anúncio que propõe um método de neuroprodutividade para alcançar ascensão financeira. O gesto interpretativo mostra como discursivizações em torno do capitalismo contemporâneo são centradas em uma política econômica neoliberal.

No décimo quarto texto, intitulado *O que pode um corpo? Uma leitura sobre o dispositivo hiv-aids em publicações de Caio Fernando Abreu*, **Bueno Souza** parte do dispositivo da aids para mapear regulações sociais, políticas e corporais, marcadas em textos de Abreu, na construção dos discursos sobre a aids.

O dossiê se encerra com uma resenha, produzida por Clara Motta e Maria Karolyna Silvano, do livro **Pós-humano, novos materialismos e linguagem**, organizado por Atilio Butturi Junior, Marcelo Buzato e Nathalia Müller Camozzato e editado pela Pontes, em 2024.

Apresentados os dezesseis textos que compõem esse dossiê, esperamos que a leitura possa suscitar outras formas de pensar os encontros entre as diferentes áreas do conhecimento que perpassam os textos, as produções acadêmicas contemporâneas e a vida.

Os organizadores e as organizadoras